

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

JAMIELE CAVALCANTE

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O
CASO DO PROFISSÃO REPÓRTER**

Ribeirão Preto

2021

JAMIELE CAVALCANTE

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O
CASO DO PROFISSÃO REPÓRTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
de Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção de
Bacharel.

Orientadora: Me. Belisa Brião Figueiró

Ribeirão Preto

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

C366i

Cavalcante, Jamiele

O ingresso do repórter no jornalismo investigativo: o caso do Profissão Repórter/ Jamiele Cavalcante - Ribeirão Preto, 2021.

41p.

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Belisa Brião Figueiró

1. Jornalismo investigativo 2. Jornalismo 3. Podcast I. Figueiró, Belisa Brião
II. Título

CDU 070

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

JAMIELE CAVALCANTE

**O INGRESSO DO REPÓRTER NO JORNALISMO INVESTIGATIVO: O
CASO DA PROFISSÃO REPÓRTER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção de Bacharel.

Data de aprovação: 24/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Ma. Belisa Brião Figueiró
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ma. Carmen Silvia Porto Brunialti Justo Centro
Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Susana Berbert de Souza
Repórter em EPTV afiliada Rede Globo

**Ribeirão Preto
2021**

Dedico este trabalho à minha avó, meus pais, à minha orientadora, ao jornalista João Carlos Borda e à equipe do *Profissão Repórter*.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer à minha orientadora professora Belisa Figueiró, sem ela este trabalho não seria possível, todo empenho e atenção da professora foram impecáveis. Agradeço também à coordenadora do curso professora Carmen Silvia Porto Brunialti Justo e todos os professores do curso, em especial à professora Gabriela Zauith, que acompanhou o processo e a evolução do trabalho desde o começo, desde a escolha do tema.

Agradeço aos meus familiares e amigos, principalmente aos meus pais e minha avó. Carlos Alberto Prado, Veroni Cavalcante e Lédís Magagnato Prado, que sempre me apoiaram, e estiveram ao meu lado durante esses 4 anos, e às meninas que foram minhas parceiras neste trabalho.

“Somos contadores de histórias reais”.
(Caco Barcellos - Profissão Repórter).

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de entender o início da carreira de jovens repórteres no jornalismo investigativo, com base no programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, por meio da produção de um podcast. Para isso, utilizamos o método de pesquisa experimental, sendo uma das técnicas a revisão bibliográfica. Dessa forma, entrevistamos repórteres, cinegrafistas e a chefe de reportagem do programa a fim de saber quais as maiores dificuldades dos jovens jornalistas em produzir matérias, como foi o começo deles trabalhando com o formato investigativo e como funciona a produção do programa. Entrevistamos também o jornalista, João Borda que falou sobre a importância do jornalismo investigativo e sua experiência na carreira. A escolha do tema jornalismo investigativo se deu pela importância do formato integrar todas as editorias de um jornal, onde sua principal função é apurar e divulgar informações que sejam de interesse público, trabalho que é desempenhado pelo repórter investigativo. Para embasamento do nosso produto desenvolvemos este relatório de três capítulos: no primeiro capítulo, abordamos sobre origem e características do podcast e sua relação com o radiojornalismo. No segundo capítulo, introduzimos o jornalismo investigativo, suas diferenças como gênero jornalístico e importância. Já o terceiro capítulo traz o roteiro do Podinvestigar com as perguntas para os entrevistados.

Palavras-chave: Jornalismo Investigativo. Jornalismo. Podcast. Profissão Repórter.

ABSTRACT

This work aimed to understand the beginning of the career of young reporters in investigative journalism, based on the program *Profissão Repórter*, on Rede Globo, through the production of a podcast. For this, we used the experimental research method, one of the techniques being the literature review. In this way, we interview reporters, cameramen and the program's reporting chief in order to find out what are the greatest difficulties faced by young journalists in producing stories, how they started working with the investigative format and how the program's production works. We also interviewed the journalist, João Borda, who spoke about the importance of investigative journalism and his career experience. The investigative journalism theme was chosen because of the importance of the format integrating all the editorials of a newspaper, where its main function is to gather and disseminate information that is of public interest, a work performed by the investigative reporter. To support our product, we developed this report in three chapters: in the first chapter, we discuss the origin and characteristics of the podcast and its relationship with radio journalism. In the second chapter, we introduce investigative journalism, its differences as journalistic genre and importance. The third chapter brings the script for *Podinvestigar* with questions for the interviewees.

Keywords: Investigative Journalism Journalism Podcast *Profissão Repórter*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ORIGEM DO PODCAST	11
3	O JORNALISMO INVESTIGATIVO E O PROGRAMA PROFISSÃO REPÓRTER	18
3.1	Criação da Abraji.....	19
3.2	Profissão Repórter.....	20
4	ROTEIROS.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXO A – Autorização entrevista João Carlos Borda	36
	ANEXO B – Autorização entrevista Márcia Pereira.....	37
	ANEXO C – Autorização entrevista Mayara Silva das Neves Teixeira	38
	ANEXO D – Autorização entrevista Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates.....	39
	ANEXO E – Autorização entrevista Eliane Scardovelli Pereira.....	40
	ANEXO F – Autorização entrevista Guilherme Belarmino.....	41

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nossa referência jornalística foi o *Profissão Repórter*, da *Rede Globo*, já que o objetivo do programa é formar uma equipe de jovens em início de carreira, que vai às ruas para mostrar diferentes ângulos de uma mesma notícia. Assim, para cada repórter, uma missão a cumprir, passando por todas as etapas de uma reportagem, sendo responsáveis pela apuração, produção e gravação. A experiência acontece nas ruas, na apuração de cada história e dificuldades diárias. Um formato e uma rotina de produção original, em que o foco está nas histórias de vida dos protagonistas do cotidiano; revelando ao próprio telespectador, como o slogan do programa diz: “Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”.

Para isso, produzimos um podcast intitulado Podinvestigar, cujo tema é “O ingresso do repórter no Jornalismo: o caso do *Profissão Repórter*. Escolhemos analisar esse programa por sua relevância na história do jornalismo. O *Profissão Repórter* é um programa que mostra problemas pertinentes, e de grande relevância no cotidiano da sociedade brasileira. Suas reportagens trazem originalidade, mostrando toda a produção por trás das câmeras, no qual o telespectador consegue ver o trabalho da produção, para trazer os diversos ângulos de uma mesma notícia, e tudo com um único objetivo, mostrar o que é real.

A importância desse tema advém de como jovens repórteres trabalham ao lado do experiente jornalista Caco Barcellos e mostram não só as notícias, mas também a forma de construí-las. Neste trabalho, demonstramos que o *Profissão Repórter* funciona como uma verdadeira escola para os jovens repórteres que fazem parte do programa e como essa experiência é importante para a carreira jornalística deles.

Fizemos desse trabalho um produto inédito de informação, já que não identificamos nenhum podcast sobre esse assunto. Dessa forma, produzimos o Podinvestigar, um podcast que conta com três episódios de 7 a 16 minutos cada um.

Utilizamos o método de pesquisa experimental e uma das técnicas utilizadas foi a revisão bibliográfica. Fizemos também um levantamento sobre trabalhos acadêmicos que já trataram sobre o presente tema, mapeando os estudos do jornalismo investigativo no Brasil. Ao mesmo tempo, nos debruçamos na bibliografia referente à produção de um podcast para a elaboração do nosso projeto

experimental.

Para execução do projeto, utilizamos a pesquisa exploratória. Assim, entramos em contato com os repórteres e a chefe de reportagem do programa Profissão Repórter. Em seguida, enviamos as perguntas para essa equipe por meio de áudios gravados pelo aplicativo WhatsApp, como, repórteres, cinegrafistas, e a chefe de reportagem. Também entrevistamos o jornalista João Borda, que nos deu detalhes sobre o que é o jornalismo investigativo.

O objetivo das entrevistas era saber como funcionam as reuniões de pauta, a apuração nas ruas mostrando os bastidores das reportagens, e o cronograma do programa. Além disso, como são feitas a escolha dos temas que são abordados e as edições das reportagens.

Tendo isso em vista, foi possível analisar o tema proposto e compreender de maneira mais aprofundada como se faz o jornalismo investigativo dentro da maior emissora de televisão do Brasil.

2 ORIGEM DO PODCAST

O papel dos meios de comunicação na sociedade atual tem se potencializado devido à gradual implementação do processo de convergência. O número de aparelhos eletrônicos presentes na vida do brasileiro está a cada dia maior e, além disso, os aparelhos de hoje em dia trazem multifunções, proporcionando, por exemplo, acesso à internet, rádio, televisão e telefonia em aparelhos celulares (LOPEZ, 2009).

Para começar a examinar o assunto, é interessante compreender que o Podcast é uma “continuação” do Radiojornalismo. O rádio que foi e ainda é um companheiro para muitos cidadãos no seu tempo livre escutando música e se atualizando com as últimas notícias, seja na estrada ou no trânsito do dia a dia. E hoje é o podcast, mídia da cibercultura, que vem conquistando grande espaço na internet graças à sua facilidade de criação e distribuição.

A tecnologia do rádio se constituiu muito antes de ele ser concebido como meio de comunicação. Já em 1753, Benjamin Franklin propõe o que depois serviria como princípio para o desenvolvimento do telégrafo e do telefone: a possibilidade de usar a eletricidade para a transmissão de mensagens à distância. A evolução para o telégrafo se dá através dos estudos de Samuel Morse e dos cientistas William Fothergill Cooke e Charles Wheatstone, que utilizaram princípios de eletromagnetismo para a transmissão de informações. Em 1876, um aparelho que transformava as vibrações da voz humana em som é patenteado, em nome de Alexander Graham Bell. (FERRARETTO, 2001 *apud* LOPEZ, 2009, p. 23).

O podcast, essa nova mídia que vem ganhando muitos adeptos da nova geração, tem características como: programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal chamada podcasting. Isso os diferencia dos programas de rádio tradicionais e até de audioblogs e similares.

Embora haja certa semelhança entre o podcast e o que poderia ser chamado de “rádio pela internet”, já que se trata essencialmente de informações passadas via arquivos de áudio, não é esse o caso. Meditsch (1999 *apud* Bufarah, 2003) classifica modelos de difusão de áudio como o do podcasting como sendo um tipo de serviço, na verdade, fonográfico, “não se caracterizando como radiofônico por não ser emitido em tempo real. (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 2).

O radiojornalismo carregou consigo uma característica única: o imediatismo. Como pode ser operado por apenas uma pessoa, separada do ouvinte

somente pelo microfone e por um transmissor, o rádio consegue transmitir informações de forma rápida; com o microfone no estúdio ou com a entrada do repórter ao vivo da rua, é possível transmitir a notícia de forma instantânea, com agilidade.

Com uma audiência diversificada, é necessário que a linguagem usada seja compreensível para que as pessoas de perfis sociais diferentes compreendam essa informação e, se preciso, façam uso dela no seu cotidiano. O rádio tem o poder de estimular a imaginação do ouvinte, diferente de fotos ou da televisão que transmitem o fato de forma precisa, portanto o rádio possibilita que o ouvinte crie suas próprias imagens e personagens sobre o que ouviu.

Além disso, o rádio é um meio pessoal, pois o locutor fala diretamente com o ouvinte e, com uma audiência frequente, o locutor passa a ser “amigo” do ouvinte, assim a emoção que se passa através do locutor é fundamental para o entendimento dos fatos que ele pretende comunicar, pois é nessa emoção que reside a proximidade com o ouvinte e de como as coisas são ditas.

Sua linguagem simples é uma peculiaridade única também, pois facilita a recepção do ouvinte e seu rápido entendimento. O rádio, como veículo móvel que é, pode fazer com que o ouvinte acompanhe as notícias de onde quiser, sem a necessidade da atenção visual que a televisão requer, e a leitura que a internet requer é simples.

A palavra no rádio não é um texto, é a palavra imaginada, e ela acessa não somente imagens, mas também músicas, cheiros e memórias, despertando outros sentidos. É preciso, portanto, como ressalta Prado (1989), levar em consideração a compreensibilidade da imagem informativa. Há muitos fatores de influência, como vocabulário utilizado. Os códigos nele presentes precisam ser compreendidos por todos os receptores. Nesse sentido, a audiência tem papel fundamental e, por isso, o jornalista de rádio deve fazer com que a mensagem permita que o ouvinte passe do estado de escutar para o de ouvir e vice-versa, sem perder elementos de compreensão da mensagem (JAVORSKI, 2017, p. 86).

Com a internet, o rádio se tornou mais acessível para qualquer pessoa conectada, tanto para quem quer ouvir uma emissora fora de sua região, quanto quem pretende criar sua própria programação na rádio web. O surgimento de rádios feitas exclusivamente para serem ouvidas pela internet revolucionou o sistema radiofônico. As rádios convencionais e as web rádios diferenciam-se pela parte técnica, que é mais defasada nas emissoras on-line por conta dos softwares utilizados.

As principais diferenças entre uma rádio tradicional e uma rádio web são,

por exemplo: não é necessária a autorização para operar, diferente da burocracia que é para se iniciar um projeto de rádio AM ou FM; e as rádios webs são bastante inovadoras em termos de programação, já que são mais personalizadas, atraindo comunidades de públicos diversos, quase como um blog.

As formas de comunicação variam de acordo com mudanças pelas quais passa a sociedade em distintos campos. A evolução de plataformas e formatos levou ao desenvolvimento gradual de novos dispositivos, que alteraram o papel do jornalista como agente social.

Histórias de interesse humano povoam o jornalismo desde o século XIX, quando a industrialização da imprensa possibilitou um aumento das tiragens dos jornais, gerando postos de trabalho mais ou menos precários para milhares de aspirantes a escritor inicialmente nos países centrais do sistema capitalista, como Inglaterra, França e Estados Unidos, e depois também em nações periféricas, como o Brasil e outras nações latino-americanas. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 75).

A distribuição de arquivos com programas de áudio não era mais novidade em 2004. Sobretudo para que o internauta pudesse ouvir um desses arquivos, era preciso acessar o site do arquivo, e fazer o download para seu computador para só depois ouvi-lo.

O podcasting por sua vez, é definido como uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. Podcast é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos. Segundo Primo (2005), “podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”. Esse processo se dá a partir da relação entre o arquivo de áudio que compõe o podcast e um arquivo de texto que ajuda a divulgá-lo sempre que ele é lançado na internet, conhecido como feed. (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 2).

Com a explosão de aparelhos portáteis, reprodutores de arquivos de áudio, principalmente os de formato MP3, surgiram várias novas ideias de como automatizar o acesso ao conteúdo de audioblogs e demais programas de áudio. O método que mais teve sucesso foi a possibilidade desse download ocorrer automaticamente através de programas chamados “agregadores”, utilizando uma tecnologia já empregada para blogs: o feed RSS (Really Simple Syndication).

O RSS é uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo. Isso é possível através dos chamados “feeds”, que trazem o conteúdo do blog codificado de maneira que esses programas compreendam e possam apresentar as atualizações automaticamente para os

usuários que cadastraram o feed de seus blogs preferidos.

O reconhecimento do podcasting como uma modalidade radiofônica pode parecer banal hoje, mas nos primeiros anos muitos foram os pesquisadores que entenderam o novo sistema de distribuição de conteúdos sonoros sob demanda como essencialmente não-radiofônico (MEDEIROS, 2005, 2006, 2007

PRATA, 2006 *apud* KISCHINHEVSKY, 2018, p. 4) Isso porque o podcasting não envolveria transmissão em tempo real, nem em fluxo contínuo, aproximando-se, portanto, da fonografia ou mesmo configurando um novo meio de comunicação, inserido numa lógica digital.

Segundo Mack e Ratcliffe (2007 *apud* ASSIS E LUIZ, 2010, p. 3), esse sistema só foi utilizado da forma como entendemos hoje como podcasting em 2004, quando Adam Curry desenvolveu uma forma de transferir o áudio disponibilizado através do RSS para o agregador iTunes a partir de um script de Kevin Marks. Essa forma de transferir o áudio criada por Curry foi chamada de RSStoIPod (já que o agregador iTunes é utilizado para sincronizar arquivos de áudio do computador com o iPod) e foi disponibilizada para que outros programadores a utilizassem livremente. (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 3).

Então a indústria da radiodifusão sonora tentaria se apropriar da novidade, oferecendo livremente milhares de podcasts de comentaristas e programas específicos veiculados antes em ondas hertzianas, raros são os conteúdos concebidos nas emissoras comerciais exclusivamente para a web.

Todavia, o podcasting aumentaria o tráfego na internet, impulsionando uma nova lógica de consumo de conteúdos radiofônicos, que passavam a ser compartilhados nas redes sociais on-line, potencializando tremendamente sua circulação –um contexto de rádio expandido, que transborda das ondas hertzianas para diversos outros suportes e plataformas, tais como telefone móvel, internet, TV por assinatura, serviços de streaming etc (KISCHINHEVSKY, 2018).

Um levantamento realizado em maio de 2016 pela consultoria Blueberry apresentou a existência de mais de 40 mil podcasts em todo o planeta. No Brasil, segundo a pesquisa, havia mais de 1.400 podcasts. Um deles, com investimento declarado em jornalismo narrativo, é o Projeto Humanos, que promete “histórias reais sobre pessoas reais”. Foi idealizado em 2015 pelo professor e escritor curitibano Ivan Mizanzuk, que desde 2011 já produzia o AntiCast, podcast focado em história, política e artes, que se tornaria uma rede de podcasts (KISCHINHEVSKY, 2018).

Novos formatos para rádio hipermediático remetem a uma dinâmica de

consumo de informação diferenciada. Hoje o ouvinte não pode ser visto somente como ouvinte. Ele é também internauta, é produtor de conteúdo, e como é característico do público de rádio, gosta de participar das decisões sobre a programação da emissora. Mas esta participação se alterou. Hoje as emissoras têm espaços e ferramentas de interação assíncronas e síncronas, mas distintas de dez anos atrás. O ouvinte quase não liga para as emissoras. Ele escreve – emails, comentários, mensagens instantâneas de celular, utiliza serviços de mensagens instantâneas como MSN ou GTalk, “tweeta” com os jornalistas, participa de fóruns, etc – e envia para os jornalistas o que considera interessante – de links a fotografias, áudios e vídeos. O acesso à informação se dá por plataformas diferenciadas. É possível ouvir rádio no celular, no mp3, no rádio, na TV, na internet... As interfaces são variadas e geram reações, envolvimento e participação distintas do público. A fruição, a navegação e até mesmo a identidade visual do rádio estão se renovando e assumindo um papel mais importante no processo de transmissão da informação radiofônica, o que afeta a rotina diária do jornalista. (LOPEZ, 2009, p. 222).

O rádio não está paralisado no tempo, vivendo dos seus tempos áureos. Ele busca atualizar-se. Em ambiente de convergência, com a entrada do rádio na internet e com as graduais definições pelos sistemas de rádio digital, o profissional do jornalismo neste meio de comunicação passa a lidar com uma nova exigência: é preciso ser multiplataforma; ser multitarefa.

Conhecer as características de um ouvinte diferente, mais ativo, mais exigente, mais dinâmico e mais interativo, portanto é necessário ter múltiplas habilidades; estar atualizado e se familiarizar a cada dia com novos sistemas, ferramentas e dispositivos. É a apuração e o imediatismo.

O podcast é uma mídia por áudio utilizada há alguns anos no universo jornalístico. Que se baseia em um programa gravado, normalmente exibido com uma determinada frequência, seja semanal ou diariamente. Ele pode ter diversos temas, visando entretenimento, informação, educação, esporte, saúde etc.

O Brasil é considerado o segundo maior mercado de podcasts no mundo e, para o especialista Carlos Eduardo Lins da Silva, isso indica “uma grande oportunidade de o jornalismo nacional se desenvolver utilizando um veículo que é a cara do Brasil, já que somos um país com uma tradição de oralidade e de rádio muito grande (SILVA, 2019).

Desde notícias breves a reportagens aprofundadas, os podcasts jornalísticos representam a “diversidade de formas de contar histórias”. Os principais veículos brasileiros estão apostando nessa tendência e tendo uma grande receptividade por parte do público.

O rádio tradicional deixa de ser o principal veículo de transmissão de

músicas e passa a dividir a audiência com as webrádios, as rádios online e os aplicativos de reprodução de música para os smartphones. Em 2008, com o lançamento do Spotify, a indústria da música inicia um processo de reinvenção para o ambiente digital, que permite o acesso a um vasto acervo musical em nuvem, sem a necessidade de download.

Diante destes acontecimentos, viu-se a possibilidade de integrar conteúdo noticioso, onde todo o conteúdo pode ser acessado no momento em que uma pessoa desejar, atualmente conhecido como podcast, para as Gerações C e Alpha, usuários das plataformas de streaming. (VICENTE, 2018).

Com o século XXI e o nascimento da era digital, os smartphones passaram a facilitar a vida dos repórteres. Isso porque, além de permitir o contato com os entrevistados e fazer links ao vivo nos jornais, os dispositivos possuem o sistema de gravação em MP3, o que elimina a necessidade do comunicador andar com os aparelhos de gravação das rádios para fazer as suas transmissões (PEREIRA E MONTEIRO, 2020).

Os aplicativos de streamings, e aplicativos para a transmissão de mídias, áudio ou vídeo, foram ressignificados para a produção de conteúdo informativo, pois esses aplicativos permitiram aos jornalistas o emprego das técnicas já estabelecidas na produção jornalística para o rádio em conjunto com uma linguagem menos “formal” e rígida que a utilizada no jornalismo tradicional. O jornalismo deve se manter ativo nas plataformas onde as pessoas estão para assim atuar em conjunto com a sociedade.

O podcasting, se diferencia na distribuição de conteúdo, pois permite o alcance de seu público não somente pela internet, mas também por dispositivos móveis e assinaturas de feed RSS, o que amplifica o alcance da mídia podcast.

Diante deste contexto de apropriação dos aplicativos de streaming como ferramenta de produção de notícias, e não somente musical, os próprios veículos de comunicação tradicionais (jornais impressos, revistas, TV's, rádios) e portais de notícias lançam novas ferramentas e produtos em formato podcast para alcançar as suas audiências. (PEREIRA e MONTEIRO, 2020).

Em janeiro de 2019, o Spotify e o jornal Folha de São Paulo, por meio de uma parceria, lançaram o podcast Café da Manhã. O novo produto da Folha, apresentado pelos jornalistas Rodrigo Vizeu e Magê Flores, leva diariamente aos ouvintes uma visão crítica das pautas quentes da semana, contando ainda com a

participação de especialistas do próprio veículo para o debate dos temas. Além do Café da Manhã, outros produtos foram lançados pela Folha como o podcast seriado O presidente da semana, fazendo uma viagem pelas histórias dos principais nomes que ocuparam o mais alto cargo do país.

Outra empresa de comunicação que aderiu ao uso do podcast para a produção jornalística foi o portal G1, lançando em agosto de 2019 o podcast O Assunto. Neste podcast, a jornalista Renata Lo Prete conversa com jornalistas e especialistas da TV Globo sobre os assuntos em destaque nos noticiários do país. Seu surgimento se deu em meio às discussões sobre as queimadas na floresta amazônica em agosto de 2019, levantando um debate sobre as questões que envolviam o tema.

Na prática dos podcasts jornalísticos, a roteirização remete o ouvinte à leitura de um jornal. A introdução, assim como o lead do jornal impresso e dos portais fazendo uma apresentação geral do assunto, para então levar o tema à discussão. Outra prática presente nestes podcasts é a utilização de mídias com áudios de entrevistas dos personagens das notícias em outros veículos de comunicação, como TV's e rádios, para validar as notas comentadas, assim como são utilizadas as citações diretas nos produtos jornalísticos impressos e as sonoras na TV e rádio.

Diferente do jornalismo em mídias tradicionais, o podcast jornalístico instiga a criticidade dos seus ouvintes. As notícias podem ser comentadas de forma independente pelos jornalistas e comentaristas dos temas propostos. O posicionamento dos veículos também é outro fator relevante nestas produções, pois mesmo sendo produtos de veículos de comunicação de conhecimento do grande público, a segmentação do público pode ser aplicada, por se tratar de conteúdo on demand, tão logo somente aqueles que têm interesse nos temas desenvolvidos e nos formatos de produção destes podcasters irão assinar os seus conteúdos e acompanhá-los. (PEREIRA; MONTEIRO, 2020, p. 126).

Por fim, a produção de podcasts jornalísticos tem se tornado cada dia mais presente no cotidiano de veículos de comunicação tradicionais, principalmente para alcançar o público mais jovem, que utiliza a tecnologia no seu cotidiano e ouve podcast em aplicativos, como o Spotify. A demanda de novas tecnologias para a distribuição de produtos jornalísticos tem surgido e os veículos de comunicação estão atentos a estas novas plataformas de mídia.

Por conta dessas novas tendências e da abrangência do podcast, optou-se por este formato para a realização deste Projeto de Conclusão de Curso.

3 O JORNALISMO INVESTIGATIVO E O PROGRAMA PROFESSÃO REPÓRTER

A pauta dos assuntos tratados pelo jornalismo investigativo não fica restrita aos temas políticos, estando presente em todas as editorias de um jornal: seu foco é apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade. Assim, escolhemos o jornalismo investigativo para objeto de pesquisa exatamente por permitir uma vasta amplitude de assuntos abordados pelos jornais: o trabalho dos repórteres investigativos está presente nas mais diversas editorias – desde a editoria de política, passando pela de esportes e de economia, até a editoria de noticiário local ou internacional. (AGUIAR, 2006).

O jornalismo investigativo teve início nos Estados Unidos, a partir de 1955, após a Segunda Guerra Mundial. Mas foi em 18 de junho de 1972, com o caso Watergate que o Jornalismo Investigativo se popularizou nas redações.

Tudo teve início com a prisão de cinco pessoas por porte de material de espionagem e invasão da sede do Partido Democrata, no edifício Watergate. Os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do The Washington Post decidiram investigar o fato, que tinha sido ignorado pelo restante da imprensa americana. (SEQUEIRA, 2005, p. 11).

Segundo a autora Cleofe Monteiro Sequeira, no Brasil, o jornalismo investigativo só pode ser identificado a partir de 1975, quando o país entra no processo de abertura política, com o general Ernesto Geisel na presidência. Antes disso, a imprensa vivia sob censura prévia e era impossível realizar e publicar um trabalho de maior fôlego.

O repórter é o principal personagem para a produção de uma matéria investigativa bem produzida, afinal é ele quem faz toda a apuração, busca documentos, faz entrevistas e consegue suas fontes. Podemos dizer que preguiça e jornalismo não podem andar juntos. Ainda sobre as características do formato investigativo, o “furo”, que é utilizado para quando se consegue publicar notícias em primeira mão, na maioria das vezes é resultado do trabalho do jornalista investigativo (OLIVEIRA, 2017).

O jornalista da Rede Record, Roberto Cabrini, tem uma longa experiência como repórter investigativo e define essa função da seguinte forma:

Algo desse tipo pode ser fruto de meses de trabalho, centenas de telefonemas, encontros, contatos, conversas e observações. Ou – desde que estejamos prontos – pode nascer de uma hora para outra. Tem a capacidade de derrubar governos ou simplesmente fazer justiça a mais um

ser humano sem voz na face da Terra. (CABRINI, 2019, p. 10).

Desde então, o jornalismo investigativo vem se transformando, conquistando os brasileiros e se moldando às novas tecnologias e necessidades dos profissionais. A reflexão acerca do dia a dia do fazer jornalístico é uma prática recorrente, principalmente por estudantes de Jornalismo. A notícia é a “matéria-prima” do Jornalismo, como elas são construídas em uma sociedade que se transforma constantemente são perguntas que perseguem muitos jovens que estudam a profissão.

Com a evolução tecnológica, as funções específicas estão desaparecendo, exigindo também uma formação técnica genérica. Hoje um bom repórter é também apurador, pauteiro e editor da própria reportagem. (PENA, 2005, p. 66).

Além dos meios de produção tradicionais, com a era digital surge o jornalismo na web. Segundo Lopes, a nova plataforma de comunicação na internet exige dos jornalistas a extinção de antigas práticas e propõe novos desafios para a profissão e seu relacionamento com o público consumidor. Em uma nova era enfrentada por esses profissionais, conhecimentos específicos das novas ferramentas passam a ser precisos pelo mercado das empresas de comunicação e pelas mudanças tecnológicas (ALMEIDA, 2020, p. 75).

A profissão de jornalista tem como característica, ao longo da história, a passagem por frequentes transformações no âmbito de atuação e execução do ofício. Se, anteriormente, a chegada dos computadores e a aposentadoria das máquinas de escrever nas redações assustaram os jornalistas experientes dos anos 90, os profissionais de hoje tem como desafio de atuarem sob novas e avançadas tecnologias digitais, fundamentais para a construção e divulgação da notícia. (ALMEIDA, 2020 *apud* LOPES, 2019, p. 4).

3.1 Criação da Abraji

No Brasil, existe uma associação onde jornalistas brasileiros interessados, podem trocar experiências, informações e dicas sobre reportagem, principalmente sobre reportagens investigativas. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) foi criada após o evento intitulado “Jornalismo Investigativo: Ética, Técnicas e Perigos” que foi realizado na USP, em São Paulo, em dezembro de 2002. Os jornalistas que participaram decidiram criar uma instituição semelhante aos centros de

investigação da América do Norte.

Os objetivos inscritos no estatuto da associação são os mesmos desde sua criação, o aprimoramento profissional dos jornalistas e a difusão dos conceitos e técnicas da reportagem investigativa.

Outra das missões da Abraji é a defesa do direito de acesso a informações públicas e hoje a mesma entidade tem diferentes projetos para garantir que organismos em diferentes níveis e esferas de poder cumpram a legislação.

A Abraji é uma associação mantida pelos próprios jornalistas, sem fins lucrativos, que promove congressos, seminários e oficinas especializadas, trabalha para o aperfeiçoamento profissional dos jornalistas interessados no jornalismo investigativo e edita livros sobre o assunto, além de estimular um fórum permanente de trocas de experiências.

Finalmente, a defesa da liberdade de expressão, que está no DNA da Abraji, compõe o terceiro pilar de atuação nos últimos 18 anos, com oferecimento de cursos de segurança para jornalistas, elaboração de um guia para cobertura de protestos e o acompanhamento de casos de censura judicial e de violência contra jornalistas (ABRAJI, 2021).

3.2 Profissão Repórter.

O Programa Profissão Repórter estreou em maio de 2006 como um quadro semanal, com tempo médio de 12 minutos dentro do Fantástico. Já no segundo semestre do ano seguinte, ganhou quatro edições especiais nas noites de quinta-feira, com 45 minutos de duração, em paralelo às edições levadas ao ar pela revista eletrônica. Finalmente, em junho de 2008, o programa entrou para a grade fixa de programação, com 25 minutos de duração, às terças feiras, dividida em dois blocos.

É muito complexo contar bem uma história. O mais complicado e trabalhoso é provar que ela é verdadeira. Porque, mesmo acreditando em uma fonte, temos o dever de desconfiar (BARCELLOS, 2010).

O objetivo do programa é formar uma equipe de jovens em início de carreira, que vai às ruas para mostrar diferentes ângulos de uma mesma notícia. Assim, para cada repórter, uma missão a cumprir, passando por todas as etapas de uma reportagem, sendo responsáveis pela apuração, produção e gravação.

A experiência acontece nas ruas, na apuração de cada história e

dificuldades diárias. Um formato e uma rotina de produção original, em que o foco está nas histórias de vida dos protagonistas do cotidiano; revelando ao próprio telespectador, como o slogan do programa diz: “Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem.”

Nas três páginas hoje amareladas do projeto encaminhado por Caco à direção da Globo estava um conceito fundamental do Profissão Repórter: o de cruzar olhares e revelar diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato, a mesma notícia. Um dos parágrafos resumia com precisão uma das dinâmicas-chave do ainda inexistente Profissão Repórter. “Nossos repórteres/produtores vão se movimentar de forma simultânea, com narração própria, garantindo um olhar diferenciado sobre cada lado envolvido da história (MAIOR, 2016, p.12).

No programa, a equipe mostra a sua cara e dá destaque ao estabelecimento de uma relação não só com o espectador, mas também com os entrevistados. É o que acontece, por exemplo, quando o repórter acompanha a rotina das suas fontes, chegando a ficar por mais dias com as pessoas que vão se transformar nos personagens das suas matérias. Fica clara a relação e até, de certa forma, a intimidade que surge da convivência, mesmo que pontual e com um objetivo profissional.

Não podemos negar que o programa foge do padrão jornalístico produzido no Brasil, a partir dos anos 1950, quando passou a ser praticado sob forte influência da imprensa americana. Isso porque, enquanto o jornalismo tradicional prega como padrão a isenção e a imparcialidade na comunicação de um fato, Profissão Repórter exhibe uma narrativa jornalística revestida de paixões que mexe não só com a forma de produção da notícia, mas também com a maneira de levar até o telespectador todo tipo de sentimento no qual está envolvida a equipe de reportagem e os personagens da narrativa (ARRUDA, 2012 *apud* ETGES, 2012, p. 88).

A presença do repórter é marcada de diferentes formas, uma delas é através do enquadramento no momento das entrevistas. Repórter e entrevistado passam a aparecer juntos em cena, algumas vezes, inclusive, lado a lado. Outra forma é quando um dos jovens repórteres do programa ocupa a posição de cinegrafista e sua atuação é gravada por outro cinegrafista. Assim, tem-se a cena dentro da cena, que é uma forma de explorar e mostrar continuamente a atuação profissional dos envolvidos na produção em diferentes momentos. Outra forma é quando o mesmo repórter é entrevistador e também cinegrafista, ele atua com uma câmera e alterna a gravação do entrevistado ou da cena com a própria imagem, em zoom.

Os “problemas” ou “ruídos” são mantidos com o objetivo de contribuir na

composição geral da cena e da situação, como forma de contextualização ambiental. Esses “erros” podem ser analisados como recursos que ensejam espontaneidade e, assim, ajudam a construir e reafirmar a ideia de autenticidade da narrativa na proximidade com o fato (ETGES, 2012).

Os recursos usados pelo programa buscam construir um produto realmente diferenciado, na busca por aproximação com o público e consequente repercussão e audiência. A inserção do repórter na narrativa o coloca como uma pessoa amiga, dá a sensação de intimidade e proximidade. O telespectador se identifica com as realidades mostradas e aproxima-se do que é exposto, mesmo que a reportagem seja editada, cortada e atenda a padrões e, inclusive, a interesses da produção de Profissão Repórter. A exploração do espaço de bastidores da produção jornalística soma-se a isso, na medida em que dá a ver o que antes era oculto e considerado sem interesse.

Até 16 de outubro de 2019, o Profissão Repórter visitou todos os estados do Brasil e 43 países ao redor do mundo. No episódio 400, foi apresentada a expedição mais longa do programa, onde os jornalistas Danielle Zampollo e Maycon Mota ficaram 25 dias na Amazônia para entrevistar índios do povo Korubo, uma tribo que vive isolada.

Em 2021, a nova temporada do programa jornalístico foi ao ar a partir do dia 23 de fevereiro por conta da pandemia do Covid-19 e voltou a ser exibido às terças-feiras, depois de seis anos.

4 ROTEIROS

No primeiro episódio, nós conversamos com o jornalista, João Carlos Borda. Ele tem em seu currículo mais de 20 anos de televisão, já atuou como apresentador pela Rede Globo e RBS TV, além de editor, repórter especial e jornalista investigativo. Em sua jornada profissional, já produziu reportagens para o Jornal Nacional, Fantástico, Jornal Hoje, Bom Dia Brasil, Globo Rural e Globo Repórter. Atualmente, Borda é repórter na CNN Brasil e também trabalha em seu novo projeto, o Portal Borda.

1. Em sua opinião, como se faz um bom jornalismo investigativo? Equal a importância desse gênero jornalístico?

Primeiro, para fazer o jornalismo investigativo, você tem que conhecer o tema, tem que pesquisar, buscar. E como se busca isso? Além de você ter uma base na literatura, ou seja, você ler a respeito, você tem que assistir reportagens sobre o assunto, tem que ler livros sobre isso e conversar com pessoas que entendem, que abram o seu olhar. Não especificamente sobre aquele tema que você está fazendo. Por exemplo, se você vai fazer o jornalismo investigativo sobre corrupção em prefeituras, você precisa pelo menos ter uma noção de direito administrativo, de saber o que é uma licitação, quais são as fraudes mais comuns, o que a lei prevê a respeito disso, sobre punição. Então, você tem que abrir o seu leque, não é uma receita de bolo que você aplica e no final está pronto, não, são passagens que cada matéria exige uma criatividade para ser investigada. O jornalista sempre tenta revelar o que nem sempre está tão claro assim. Mas eu penso que o jornalismo investigativo é resultado de um curso de procedimento, de uma busca mais profunda e incessante que testa a capacidade de persistência e a inteligência do jornalista para realizar. O jornalismo investigativo tem uma importância muito grande na sociedade porque são os olhos da sociedade, vigiando o poder. Então sem o jornalismo investigativo você não tem uma democracia complementando as falhas, você não tem a sociedade representada e ali contestando o poder.

2. Levando em consideração o seu tempo de carreira, atuando no jornalismo investigativo, qual é a parte mais difícil?

Existem algumas dificuldades para se exercer o jornalismo investigativo. Primeiro: o jornalista tem que ter vontade de fazer jornalismo investigativo. Mas eu acho que, além disso, outra dificuldade é o veículo para o qual ele trabalha, porque não adianta ele ter uma boa vontade, uma disposição, uma busca incessante, se ele trabalha para um veículo que não quer fazer jornalismo investigativo, que entende que jornalismo investigativo é problema. Eu já ouvi isso em muitas empresas: “Ah, não mexe com jornalismo investigativo que isso dá dor de cabeça”. Mas o jornalismo foi feito para dar dor de cabeça. Jornalismo é marretada na moleira. Então não dá para você bater com o martelo na sua cabeça e não querer ter dor, então não faça isso, não faça jornalismo. Mas alguns veículos de comunicação querem fazer um falso jornalismo investigativo, querem dar a impressão que fazem alguma coisa comprometida para com o seu público, mas na verdade, fazem ali apenas um exercício cosmético. É aquela história, passa uma base no rosto para tentar mostrar que é bonito, mas quando aquela base cai, a gente vê uma pessoa bem feia.

3. Conta para a gente sobre algumas reportagens marcantes que você já realizou, até porque, jornalista gosta de ouvir boas histórias.

Bom, eu já realizei várias reportagens de jornalismo investigativo, eu já andei por várias vezes nas fronteiras do Brasil mostrando que é pertinente da minha área de trabalho, que é tráfico de drogas, contrabando, assassinato, tráfico de armas, enfim, toda essa lista de licitude. E isso me levou para fazer várias matérias a respeito, matérias que foram para ar em rede nacional, Bom Dia Brasil, Jornal Nacional, Globo News. Fiz também matérias voltadas para violência contra crianças, que exigiu de mim e da minha equipe um envolvimento muito grande. E aí eu volto a falar: não fui eu que fiz, eu fui a ponta da lança, de uma estrutura, de uma equipe, porque se eu achasse que sozinho poderia fazer, jamais teria feio. Eu simplesmente tenho a exposição no vídeo, mas por trás de mim sempre teve uma equipe muito habilidosa, muito competente para fazer jornalismo investigativo. Esse é o jornalismo investigativo, você se frustra, mas você não se derrete, você não se dissolve, você não se acaba naquela frustração, pelo contrário a cada frustração eu me tornei talvez

um pouco melhor.

4. Qual conselho você deixa para os jovens estudantes de jornalismo que pensam em seguir carreira no formato investigativo?

Hoje, faz falta o jornalismo investigativo, eu acho que o Brasil, por conta de toda essa briga política, perdeu um pouco do ritmo do jornalismo investigativo. Acho que o jornalista investigativo passou a ser alvo de muita perseguição, e ele sofreu um pouco dessas represálias pelas próprias empresas para as quais trabalha. Em resumo, o conselho para o jovem jornalista é que, se gostar mesmo de jornalismo investigativo mergulhe com tudo, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo tem excelentes cursos, lá dá para encontrar um suporte para começar. E eu diria que apesar do advento da internet, das redes sociais, o jornalismo investigativo vai sempre imperar, vai sempre ser a moeda de grande valor, por mais que a tecnologia entre na nossa profissão. Jornalista que é jornalista só vai ter peso no mercado de trabalho se ele tiver uma carreira construída com fontes, com gente especial de trabalhar.

O primeiro episódio do Podinvestigar está disponível no canal de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá no Spotify, neste link.

Já no segundo episódio do Podinvestigar, nós conversamos com a equipe do Profissão Repórter da Rede Globo sobre a rotina de produção do programa e sua metodologia. Entrevistamos a chefe de reportagem, Márcia Gonçalves, e os repórteres Mayara Teixeira, Nathalia Tavolieri, Eliane Scardovelli e Guilherme Belarmino.

1. Como são feitas as reportagens do programa?

MÁRCIA: A gente não interfere na reportagem, é a história como tem que ser, é mostrado como as coisas se desenrolam. A gente acompanha muito, visita, marca várias gravações com aquela pessoa, coisas importantes que ela tem que fazer, volta para ver como tá aquele dia na vida dela. A matéria sempre é feita com alguns dias de gravação, nem sempre seguidos, às vezes demora um mês para fechar uma história, as vezes demora meses como no caso dos doentes da pandemia, aí a gente projeta esse programa, fica programado para mais tarde, justamente para dar tempo. Quando tem um programa que você deixa a pessoa falar e você tem um

repórter que faça perguntas e vai tocando o programa para frente com observações, com perguntas não muito óbvias, não precisa daqueles textos, off das matérias de jornalismo diário, o programa vai fluindo, as histórias vão se contando, as pessoas vão contando as histórias, e o repórter só vai ali ajudando a pessoa a contar sua história. As imagens contam a história também, sobe sons contam a história, é um trabalho assim, de ouvir muito e tentar tirar da pessoa aquilo que é meio roteiro de ficção.

2. Como os repórteres fazem para produzir as reportagens e ao mesmo tempo filmar o processo de produção delas?

MÁRCIA: O Profissão Repórter não tem muitos repórteres que antes eram experientes, aliás, essa é a ideia. São os repórteres que gravam, a maioria do programa é vídeo repórter, pegam a câmera, saem e muitas vezes sem cinegrafistas, eles sabem manejar o material, eles foram aprendendo, mexendo, alguém ajudando. Os cinegrafistas dão muitas dicas, mas são os repórteres que vão atrás das histórias, produzem, telefonam, conversam, mantém um vínculo, às vezes, com as histórias das pessoas que eles já gravaram, não precisa ser um repórter que tenha anos de experiência, mas que tenha curiosidade e eu noto um perfil de sensibilidade, de gostar do ser humano, de se interessar, de comentar.

3. Como é a rotina de produção do programa, e como funcionam as reuniões de pauta?

MÁRCIA: Uma vez por semana, geralmente às segundas-feiras, nos reunimos para falarmos um pouco dos programas que estão em andamento, como é que estão as matérias, se precisa de um complemento, uma atualizada. Depois, discutimos pautas novas, então os repórteres, editores, ou quem tiver uma nova ideia, traz a ideia, de preferência já com algum caminho, mesmo que não tenha o programa todo fechado ele já sugere o que seria uma reportagem para esse programa, alguma coisa que ele tenha pesquisado, que ele já apurou. Faz uma pesquisa antes, e a equipe vai dando opinião, vai surgindo outras ideias e a Jana editora-chefe vai anotando tudo para depois ver o que vai virar programa, mas a reunião é aberta para que todos deem sugestão. A rotina na redação sem pandemia é assim, tem repórteres

que estão na rua gravando, quem fica na redação são os editores de texto, eles fazem já a decupagem e a pré-edição em Ilhas que já estão instaladas na redação, e fazem copiões com os melhores trechos e sugestões de off daquela matéria que ele tá pegando. Normalmente, o programa é dividido em três histórias ou duas, e cada editor pega uma história, mas sempre tem um editor que vai fechar o programa inteiro, ele também pode assistir as três reportagens, fazer os primeiros cortes que geralmente são bem maiores do que os cortes que vão ao ar. E esse material depois vai para a ilha de edição final, aí a editora-chefe assiste, ele vai fazendo os cortes até chegar no tempo do programa que dá uns 37 minutos, aí vem todo o trabalho de finalização, apuração de notas, porque sempre precisa alguma informação extra, então o repórter vai atrás, eu ajudo como chefe de reportagem a buscar essas notas, respostas, marco entrevistas que são necessárias para o Caco fazer, porque hoje ele fazendo da casa dele, então, um conteúdo para fechar aquela matéria às vezes até o Caco que faz, ou o repórter.

4. Como o programa se adaptou às s novas mudanças napandemia?

MAYARA: Primeiro que, no ano passado o programa ficou fora do ar. Como o Caco faz parte do grupo de risco, ele não podia ir à redação, então, a gente ficou um ano fora do ar e isso foi um impacto muito grande na nossa redação. Para conseguir retomar com o Profissão Repórter durante a pandemia a gente criou um sistema, um estúdio dentro da casa do Caco, a gente se comunicava remotamente por uma chamada de vídeo e tínhamos um telão na nossa redação, então, a gente ficava sentados de frente para o telão. É como se a gente estivesse conversando com o Caco mesmo, tivemos que desenvolver toda essa tecnologia para que o programa pudesse voltar, e essa relação que a gente tem com o Caco é fundamental para que o programa exista.

5. Nathalia, você poderia relatar um pouco mais como é esse dia adia de fazer uma reportagem durante a pandemia?

NATHALIA: A gente conseguiu encontrar uma nova fórmula, usando máscara, usando todos os EPIs, mantendo o distanciamento, isso pode parecer simples, mas para gente que sempre entrou na casa dos entrevistados, ficávamos

horas, abraçávamos então, isso teve que parar, a gente teve que se reinventar nesse sentido, acho que é o nosso desafio ainda hoje. A gente tenta se aproximar das pessoas, mas agora de uma forma não tanto física, com distanciamento, mas tentar manter de alguma forma essa proximidade, essa conexão, que temos com as pessoas que a gente está entrevistando, com as histórias que a gente está contando. Por exemplo, teve uma matéria que eu fiz sobre autistas, como é que os autistas que frequentavam instituições estavam lidando com a pandemia, com o isolamento, ficar dentro de casa, sem sua rotina, sem suas atividades, poxa, grupo de risco, como é que a gente vai gravar? Gravei a matéria inteira pela janela das casas e funcionou, assim é o ideal? Não né, gostaria de estar junto, de entrar na casa, sentar no sofá e conversar, mas não deu, então, a gente está tentando, acho que como todos os jornalistas a gente está tentando se adaptar. Não é o ideal, a gente quer sempre estar mais perto das notícias, das pessoas, mas a gente está fazendo o possível, e acho que está dando certo.

6. Pensando na rotina normal do programa, qual a parte mais interessante do trabalho de vocês?

NATHALIA: Eu acho que a parte mais legal do Profissão Repórter é esse contato tão de perto e tão real com a realidade, sabe? Com o que a gente vê na rua, não é nada maquiado, não é nada ensaiado, é exatamente daquele jeito e isso eu acho que é tão legal para as pessoas que estão assistindo, para que o público perceba que isso é real. Eu acho que é importante para a pessoa que é entrevistada, porque, ela se sente de fato representada e vê sua história contada na TV de uma forma muito real, e para a gente que é repórter, é exatamente o que a gente vê, a gente está realmente reportando aquilo e o Profissão Repórter é um programa que dá esse espaço para gente.

7. Como é trabalhar com o jornalismo investigativo dentro do Profissão Repórter?

ELIANE: É gastar muita sola de sapato, no sentido de procurar muitas fontes, e isso dá trabalho, ter uma precisão em relação às informações, a gente checa,

recheia, porque existe uma responsabilidade muito grande em colocar a informação no ar, então acho que essas são as duas características principais.

8. Qual a importância de mostrar a construção da reportagem para o telespectador?

GUILHERME: Uma reportagem investigativa no Profissão Repórter traz muita veracidade, porque, ela mostra para as pessoas como o repórter chegou naquela descoberta ou aquela conclusão. Então, por exemplo, em uma das reportagens investigativas que acho que é um bom exemplo para citar, que eu desenvolvi aqui no Profissão Repórter junto com a equipe, foi a investigação sobre o assassino de Osasco. Então, a gente descobriu ao acompanhar uma chacina que tinha acontecido no fim de semana, que essas mortes de inocentes tinham começado na semana anterior. O que trouxe muita veracidade para essa reportagem no meu ponto de vista foi mostrar o passo a passo de como a gente descobriu o que tinha acontecido. O Profissão Repórter é um mosaico da realidade. Acho que é por isso que quando a gente conversa com as pessoas, elas dizem, de maneira recorrente, que elas se sentem vivendo o que o repórter vive. E antes de trabalhar no Profissão Repórter eu não tinha ideia ainda de quão trabalhoso e de quanto a gente tem que estudar a narrativa para entender a importância desses elementos que montam história.

O segundo episódio do Podinvestigar está disponível no canal de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá no Spotify, neste link.

No terceiro e último episódio nós conversamos novamente com a equipe do programa *Profissão Repórter*, Eliane Scardovelli, Mayara Teixeira, Nathalia Tavolieri e Guilherme Belarmino, mas dessa vez, queríamos saber as dificuldades que eles já enfrentaram e/ou enfrentam na produção do programa, as histórias que eles colecionam e os conselhos que eles têm para nós.

1. Eliane, você que está há 10 anos no programa e já tem uma grande experiência com o jornalismo investigativo, como você diferencia esse formato do jornalismo tradicional e quais as principais dificuldades?

ELIANE: Por jornalismo investigativo a gente entende um jornalismo que é mais de denúncia, mas ao mesmo tempo eu acho que esse conceito é um pouco elástico, no sentido de que todo jornalismo sério é um jornalismo investigativo. E eu não preciso nem falar da importância do jornalismo sério, principalmente nos dias de hoje, em que a gente enfrenta muita desinformação e fake news, ainda mais num conceito de pandemia em que a informação que a gente passa pode salvar vidas. Um dos principais obstáculos para quem está fazendo jornalismo hoje é a fake news, você competir com os grupos de WhatsApp que são muito acessíveis para qualquer um. O que a gente muitas vezes observa é que infelizmente esse fenômeno dos pós-verdade é muito presente na nossa sociedade. Muita gente prefere acreditar em algo, mas não necessariamente isso vai ter relação com os fatos, então você escolhe no que você vai acreditar.

2. Mayara, em sua opinião, quais são os obstáculos? Tem alguma história que você gostaria de compartilhar com a gente? Natalia fique a vontade para dividir sua experiência também.

MAYARA: Um grande obstáculo é a quantidade de informação que hoje em dia a gente tem acesso, tudo é muito fácil de encontrar, mas ao mesmo tempo tudo é muito volumoso, e então, quando a gente vai atrás do perfil de alguém, por exemplo, vou atrás do dono da empresa de segurança que prestava serviço para o Carrefour quando o João Alberto foi assassinado, eu tenho uma enxurrada de informação disponível na internet eu preciso filtrar isso. Então, de alguma forma ficou mais fácil você encontrar as coisas, mas também ficou mais necessário que o jornalista tenha esse filtro, que ele seja esse filtro, que você veja toda aquela quantidade de informações disponível na internet sobre determinada pessoa e o que você filtra daquilo o que é importante para sua matéria. Como é que você checa se aquilo é verídico? Porque nem tudo que tá na internet que é verdadeiro. Eu acho que um dos obstáculos atuais é a grande quantidade de informações nem sempre verdadeiras que a gente tem na internet e cabe ao jornalista fazer uma boa apuração.

NATHALIA: Imagina, por exemplo, um tema, vou dar o exemplo da greve dos caminhoneiros, que aconteceu no Brasil inteiro, aquela confusão aquele caos. Todo dia os jornais estavam noticiando sobre a situação, o que estava acontecendo.

E aí a gente pensou: poxa como a gente vai agregar algum valor? Como é que a gente vai poder trazer coisas diferentes informações diferentes para o público. A gente ficou lá, acompanhou todos os dias da manifestação, grudamos lá nos manifestantes, a gente fez parte do bloqueio, acompanhamos o bloqueio de perto. Acho que a gente conseguiu trazer muito de bastidor da manifestação, da greve e por ter tempo e por ter conseguido um acesso muito legal, conseguimos mostrar coisas que não foram mostradas ao longo da semana.

3. Foi muito importante mostrar os bastidores dessa cobertura, em um momento tão desesperador para todos os brasileiros. E por falar em reportagens marcantes, o *Profissão Repórter* ganhou o prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos pela matéria sobre chacina de Osasco, que foi um programa feito em quatro dias acompanhando momentos tristes das famílias, velórios e enterros. Guilherme, você foi um dos repórteres que presenciou tudo de perto. Como foi contar essa história?

GUILHERME: Nesse caso, por exemplo, especificamente, da chacina de Osasco, a gente mostrou para as pessoas em tempo real essa reportagem, como a partir de uma investigação que era sobre um crime que aconteceu em certo momento, com certo número de vítimas, a gente começou a desconfiar desde o primeiro momento que esse crime poderia ter sido muito maior se ele tivesse deixado um número de vítimas maior. A gente mostrou esse passo a passo até conseguir concluir que de fato, sim, existiam muitos indícios de que a chacina de Osasco tinha deixado mais vítimas do que o que estava sendo divulgado naquele momento. O grande diferencial do *Profissão Repórter* quando a gente fala de jornalismo investigativo é poder explicar para as pessoas como é feita uma investigação jornalística desde o primeiro momento.

4. Para encerrar, quais conselhos vocês deixam para nós e para todos os futuros jornalistas que querem seguir a área investigativa?

ELIANE: Eu desejo muita garra, desejo que vocês criem também o próprio espaço de vocês, que vocês experimentem muito. Acho que a faculdade é um momento de experimentação, onde você pode tentar tudo sem muitas amarras, propor

novos formatos. Mesmo que esteja com um celular na mão, ir atrás dos acontecimentos, registrar, de repente tentar fazer freelas num primeiro momento se você não conseguir uma vaga, mas é ir atrás. Se é o seu desejo, se esse é o seu sonho, se você acha que esse é o seu objetivo, seu propósito de vida, vá atrás e eu desejo muita sorte para vocês.

NATHALIA: Um conselho que eu daria para quem está estudando, para quem está na faculdade é que às vezes a gente acha que só consegue fazer uma grande reportagem ou só consegue fazer uma investigação se estiver em uma grande emissora, se estiver em um grande veículo. Às vezes, não é isso, a gente pode começar pelo começo, sabe? Se eu estou fazendo uma reportagem para o jornal da minha faculdade, vou fazer a melhor reportagem possível, eu vou atrás de um furo, eu vou juntar todas as pecinhas, vou pegar arquivos, eu vou comparar, sabe? Tentar trazer um material diferente, uma análise com uma investigação nesse sentido. Então eu acho que dá para fazer.

MAYARA: Eu acho que para ser jornalista é importante gostar da rua, gostar de ir a campo, gostar de falar com as pessoas, ser muito curioso, e ouvir de ouvidos bem abertos as histórias dos outros, sempre estar atento para ouvir todos os lados possíveis de uma história. A gente tem que ter um olhar crítico e conversar com todo mundo para que aí a gente possa fazer bem a nossa reportagem. Ser muito persistente. Não dá para ter preguiça, uma boa reportagem é feita em vários dias, passando várias horas ao lado do seu entrevistado. Para quem gosta do Profissão Repórter da maneira como a gente faz reportagem, a minha dica é: tenha muita paciência e persistência, acompanhem as fontes de vocês se quiserem fazer uma história, contar a história de alguém passando o dia inteiro na casa dessa pessoa.

GUILHERME: O meu principal conselho aos estudantes que estão entrando no jornalismo investigativo agora é: sempre tenha os fatos em primeiro lugar. Sempre pense nas pessoas afetadas por aquilo, mas sempre fique atento ao poder econômico, às tentativas de distração que o repórter tem ao longo de 36 uma investigação. Sempre se preocupe genuinamente com as pessoas que precisam, que são essas pessoas que precisam, do jornalismo investigativo, que vão confiar e que vão dar os subsídios para que o seu trabalho seja sempre bem sucedido.

O terceiro episódio do Podinvestigar está disponível no no canal de radiojornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá no Spotify, neste link.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós entramos em contato com todos os entrevistados deste trabalho por meio das redes sociais, e os convidamos para participar do nosso Trabalho de Conclusão de Curso. As entrevistas foram divididas por todas integrantes, e logo em seguida fizemos as transcrições dos áudios, para a montagem dos roteiros. Os roteiros foram feitos por todas integrantes do trabalho e os offs dos roteiros também foram divididos.

O primeiro episódio traz a participação do jornalista João Carlos Borda, o qual eu entrei em contato pelo Instagram e o convidei para participar do nosso trabalho e fiquei responsável pela entrevista do mesmo. A Luana e eu fomos responsáveis pela gravação dos offs do primeiro episódio.

O segundo e o terceiro episódios contam um pouco mais sobre a metodologia do Profissão Repórter e as histórias do programa, no qual os entrevistados relembram reportagens que produziram/participaram. Ambos episódios trazem a participação de toda a equipe. Eu fiquei responsável pelo primeiro contato com a Chefe de Reportagem e a repórter Mayara Teixeira, e fiz a transcrição dos áudios das mesmas. Os episódios tiveram a participação de todas as integrantes do grupo para a gravação dos offs.

Este trabalho nos permitiu observar e entender o que é e quais são as características do Profissão Repórter, um programa de grandes coberturas em geral, em que nem todas, se enquadram especialmente no jornalismo investigativo. Nesse sentido, nosso interesse se voltou apenas ao gênero investigativo, para entendermos os processos, métodos de trabalho exercidos neste formato e seus atributos, citados pelos repórteres do Profissão Repórter, como a curiosidade, atenção aos fatos, paciência e persistência, entre outros

Com este trabalho pude concluir que o Jornalismo é o exercício da dúvida, como escutei de um grande jornalista uma vez, e são os pontos de interrogação que brotam na cabeça de repórteres e editores que movem essa busca única e necessária de se aproximar da verdade. São eles também que nos levam à busca pela precisão para reportar corretamente o que apuramos, aprendi também que cada nova história traz novos desafios.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Sobre a Abraji, Institucional.** 2018. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/>. Acesso em: 21 set. 2021.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.74, jul2006. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

ALMEIDA, Júlia. O uso de câmeras e microfones escondidos e a adoção de falsa identidade no jornalismo investigativo: necessário ou anti-ético?. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 75, dez. 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48592/48592.PDF>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BARCELLOS, Caco. **Memórias Globo.** Perfil completo de Caco Barcellos. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/caco-barcellos/perfil-completo/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CABRINI, Roberto. **No Rastro da Notícia.** São Paulo: Planeta, 2019.

ETGES, Ananda. **O protagonismo do repórter na narrativa jornalística de televisão:** uma análise do programa profissão repórter. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/775/1/AnandaEtges.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

JAVORSKI, Elaine. **Radio jornalismo do analógico ao digital.** Curitiba: InterSaberes, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em Episódios, via Internet: Aproximações entre o Podcasting e o Conceito de Jornalismo Narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 74-81, 15 jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistaeic.eu/index.php/raeic/article/view/148/153>. Acesso em: 17 maio 2021.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático:** tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5209/1/DeboraLopez.pdf>. Acesso em: 03 maio 2021.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais XXXIII Congresso Brasileiro de

Ciências da Comunicação. Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

MAIOR, Marcel Solto. O Começo. *In*: BARCELLOS, Caco. **Grandes Aventuras, Grandes Coberturas Profissão Repórter 10 anos**. São Paulo: Planeta, 2016.

OLIVEIRA Israel Dias de, **Jornalismo na Wikipédia** uma definição de domínio público. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Alexandre; JEAN, Monteiro. A convergência do rádio: o podcast como proposta para o jornalismo em aplicativos de streaming. **Revista Comunicação Cultura & Sociedade**, Maranhão, v. 7, n. 11, p. 117-129. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/4562#:~:text=Analisa%20a%20transmiss%C3%A3o%20de%20conte%C3%BAdo,e%20seus%20impactos%20no%20jornalismo>. Acesso em: 22 maio 2021.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás danotícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Carlos. Podcasts contribuem com desenvolvimento do jornalismo nacional. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/colunistas/podcasts-contribuem-com-desenvolvimento-do-jornalismo-nacional/>. Acesso em: 13 maio 2021.

ANEXO A – Autorização entrevista João Carlos Borda

BARÃO DE MAUÁ
CENTRO UNIVERSITÁRIO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, JOÃO CARLOS MONTENEGRO BORDA, portador da Cédula de Identidade nº 54436-110-2, inscrito no CPF sob nº 92118834109, residente a Rua ARNALDO VITALIANO, nº 1190, na cidade de RIBEIRO PRETO AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho DIÁRIO DO REP. JORNALISMO I. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 02 de Dezembro de 2021.

J. Borda
Assinatura do(a) entrevistado(a)

UNIDADE CENTRAL
R. Ramos de Azevedo, 423
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITARAPÉ
Rua Itarapé, 94 - Jd. Paulista
Ribeirão Preto/SP

UNIDADE ITATIAIA
Av. Itatiaia, 1376 - Jd. Sumaré
Ribeirão Preto/SP


UNIDADE INDEPENDÊNCIA
Rua José Curvelo da Silveira Jr., 110
Jd. Califórnia - Ribeirão Preto/SP

UNIDADE CAMILO
Rua Camilo de Mattos, 221
Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP

100 18 35 66

www.baraoDMAU.br

ANEXO B – Autorização entrevista Márcia Pereira


BARÃO
DE MAUA
UNIVERSITY

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Márcia Pereira Gonçalves, portador da Cédula de Identidade nº 8686417-8, inscrito no CPF sob nº 011574638-8, residente à Rua Barão de Saccaguer, nº 1305, na cidade de S. Paulo - SP

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho condução de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 25 de maio de 2021.

Márcia Gonçalves

ANEXO C – Autorização entrevista Mayara Silva das Neves Teixeira

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Mayara Silva das Neves Teixeira, portador da Cédula de Identidade nº 34 392 919 - 3, inscrito no CPF sob nº 365 945 428 - 18, residente à Rua João Elias Leada, nº 61, na cidade de João Paulist, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de conclusão de curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 21 de maio de 2021.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Mayara Silva das Neves Teixeira'.

ANEXO D – Autorização entrevista Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates

Eu, Nathalia Tavolieri de Oliveira Prates, portadora da
cédula de Identidade nº 35669328-4, inscrita no
CPF sob nº 337.639.458-06, residente à rua dr.
Jesuino de Abreu, 416, na cidade de São Paulo, autorizo
o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem
finalidade comercial, apenas para fins acadêmicos.
A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada
em todo território nacional e no exterior, em todas as
suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas:
(I) home page, (II) cartazes, (III) divulgação em geral.
Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro
que autorizo o uso acima descrito.



São Paulo, 31 de maio de 2021

ANEXO E – Autorização entrevista Eliane Scardovelli Pereira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Eliane Scardovelli Pereira, portador da Cédula de Identidade nº 33.355.477-2, inscrito no CPF sob nº 346.337.108-18, residente à Rua Michigan, nº 1193, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho TCC - podcast. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 21 de maio de 2021.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Eliane Scardovelli Pereira' followed by a stylized mark.

ANEXO F – Autorização entrevista Guilherme Belarmino**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Guilherme Belarmino, portador da Cédula de Identidade nº 44.124.414-2, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua Emílio Carlos de Andrade, nº 160, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em fotos e áudios, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho TCC - O ingresso no ensino superior. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Ribeirão Preto, 14 de MAIO de 2021.